

NOVAS DIREITAS E JUVENTUDES

Luciana Kuhn Nogueira

Recebido em: 21 Jul. 2026 | **Aceito em:** 03 Ago. 2026

Correspondência: Luciana Kuhn Nogueira (lucianakuhn2004@yahoo.com.br)

Nos últimos anos, o crescimento de movimentos políticos identificados com as chamadas "novas direitas" tem provocado intensos debates no Brasil e em diferentes partes do mundo. Frequentemente associadas a discursos conservadores, nacionalistas, antifeministas essas correntes têm encontrado significativa adesão entre as/os jovens. É nesse contexto que Beatriz Besen apresenta a obra “Novas Direitas: Juventude além dos extremos”, propondo uma análise que busca compreender as motivações, os valores e as experiências que aproximam parcelas da juventude desses movimentos.

A autora Beatriz Besen é psicóloga, pesquisadora e possui mestrados em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo (USP) e em Estado, Governo e Políticas Públicas pela Faculdade Latino-americana de Ciências Sociais (Flacso).

O livro “Novas Direitas- Juventude além dos extremos” é resultado da tese de doutorado em Mudança Social e Participação Política pela USP, defendida em 2023, intitulada “Nos limiares do (a) político (a): (des/re) construindo trajetórias e narrativas de jovens ativistas das Direitas Radicais no Brasil e na Alemanha”. Besen teve a oportunidade de passar dois anos na Universidade Goethe de Frankfurt e Humboldt de Berlim pesquisando juventudes e novas direitas e realizando um paralelo entre a realidade alemã e a brasileira.

O prefácio do livro é escrito por Anna Virginia Balloussier, repórter especial da Folha de São Paulo e autora de “O púlpito: fé, poder e o Brasil dos evangélicos”, publicado pela Todavia em 2024.

Na Apresentação do livro, Besen relata a experiência de ter sido criada por uma mãe judia, que morava em um bairro de elite em São Paulo e defendia uma educação emancipadora e por um pai católico, morador de um bairro da periferia. Os pais se separaram quando Beatriz ainda era criança e, apesar das diferenças, eles mantinham um engajamento político voltado à transformação social. Essa ambiguidade contribuiu para que o olhar de Beatriz se voltasse para as contradições existentes no mundo e quisesse pesquisá-las.



2026 **Nogueira**. Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial-Compartilha Igual (CC BY-NC- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.

No Capítulo 1 a autora faz uma breve reflexão sobre as novas direitas, inclusive explicando o uso desse termo. Segundo Besen, esses movimentos são diversos, não podem ser simplificados e possuem novas estratégias de articulação. Muitas teorias foram levantadas entre acadêmicas/os para explicar essa guinada à direita, como a formação de novas subjetividades causadas por muito tempo de domínio do neoliberalismo e a expansão das igrejas neopentecostais.

A maioria de autoras/es na atualidade considera as Jornadas de Junho de 2013 e o impeachment da presidenta Dilma Rousseff, em 2016, marcos importantes que desencadearam movimentos de grupos de direita nas ruas do Brasil. Besen trabalha com duas linhas de análise para explicar este movimento: uma desilusão com a democracia liberal e de seus políticos e um esgotamento do governo petista que se fortaleceu com a Operação da Lava Jato. A autora também discute a importância das teorias conspiratórias que começaram a circular através das redes sociais e a politização do Judiciário, do Ministério Público Federal e da Polícia Federal gerando uma desdemocratização no país. Este cenário culminou na eleição de Jair Bolsonaro, em 2018, fortalecendo as novas direitas que unem neoliberalismo, conservadorismo, religião e militarismo.

Ao abordar o contexto europeu, Besen observa que os estudos sobre as novas direitas possuem uma tradição mais consolidada. Os partidos e movimentos da direita radical europeia defendem a ideia de uma comunidade nacional homogênea, valorizam a ordem, a autoridade e constroem discursos que opõem o “povo verdadeiro” às elites políticas e culturais. Embora aceitem instrumentos democráticos como eleições e representação política, tendem a questionar princípios centrais da democracia liberal, como a proteção dos direitos das minorias, o pluralismo político e determinados sistemas institucionais de controle do poder.

Besen sustenta a ideia de que as novas direitas constituem um fenômeno plural e internacional que desafia os consensos estabelecidos em torno da democracia liberal. Apesar das diferenças entre Brasil e Europa, esses movimentos compartilham críticas às instituições tradicionais, questionamentos às políticas de proteção de minorias e uma valorização de discursos que associam família, ordem, nação e liberdade econômica. Para a autora, compreender esse fenômeno exige superar explicações simplificadoras e reconhecer tanto suas particularidades nacionais quanto os elementos comuns que articulam as diferentes expressões das novas direitas no cenário contemporâneo.

No capítulo 2 a autora aborda pesquisas sobre o ativismo jovem nas novas direitas, destacando limites e avanços e, também, perspectivas recentes do neoliberalismo que mostram a fluidez das identidades políticas. Neste capítulo, Besen procura mostrar que os estudos sobre juventude e participação política passaram por uma transformação significativa. Inicialmente, as/os pesquisadoras/es entendiam participação política quase exclusivamente como envolvimento em instituições formais da democracia, como eleições, partidos políticos, grêmios estudantis e organizações da sociedade civil. A preocupação central era medir se as/os jovens estavam participando mais ou menos da política e se demonstravam confiança nas instituições democráticas. A participação era frequentemente associada à condição de estudante e aos processos de socialização política vividos na escola e na universidade.

Com o passar do tempo, especialmente a partir dos anos 1990 e 2000, muitas/os pesquisadoras/es começaram a questionar a ideia de que as/os jovens estariam simplesmente se afastando da política. Em vez disso, argumentaram que novas formas de participação estavam surgindo, ligadas a movimentos sociais, ativismos culturais, causas identitárias, redes sociais e ações menos institucionalizadas. A crítica central era que os estudos tradicionais utilizavam uma definição muito estreita de política e acabavam classificando como "desinteresse" aquilo que era, na verdade, uma mudança nas formas de engajamento juvenil. O argumento principal é que as pesquisas recentes mostram que a juventude deixou de ser vista apenas como uma fase biológica da vida e passou a ser construída como uma categoria política e social. Ao mesmo tempo, conceitos como protagonismo juvenil, empoderamento, capital humano, resiliência, empreendedorismo e capital social passaram a ocupar um lugar central nos discursos de organismos internacionais, governos e instituições educacionais.

Segundo Besen, esses discursos não são neutros. Eles fazem parte de uma nova racionalidade política associada ao neoliberalismo. Nessa lógica, as/os jovens são apresentadas/os como autônomas/os, empreendedoras/es de si mesmas/os e responsáveis pelo próprio sucesso ou fracasso. A juventude passa a ser vista como um recurso estratégico para a renovação social e política, devendo desenvolver competências, capacidades e habilidades para competir e se adaptar às mudanças sociais.

É nesse contexto que surge a ideia de que as identidades políticas contemporâneas são mais fluidas e estratégicas do que estáveis e essenciais. A autora dialoga com autoras/es pós-estruturalistas, especialmente Stuart Hall e Foucault, para defender que as identidades não possuem uma essência fixa ou natural. Elas são construídas por discursos, experiências e

relações de poder. Assim, uma/um jovem não nasce com uma identidade política definitiva; ela/e vai se identificando com determinadas narrativas, causas, grupos e posições ao longo de sua trajetória. Essas identificações podem mudar, ser contraditórias ou combinar elementos diversos.

Nesse sentido, o neoliberalismo produz um tipo específico de subjetividade. Em vez de indivíduos vinculados de forma duradoura a partidos, classes sociais ou ideologias rígidas, surgem sujeitos que constroem suas identidades de maneira mais flexível, pragmática e estratégica. As escolhas políticas passam a funcionar de modo semelhante às escolhas de consumo: os indivíduos selecionam discursos, valores e pertencimentos que lhes parecem mais adequados em determinado momento. A identidade deixa de ser uma posição fixa e passa a ser um processo contínuo de identificação.

Essa discussão é fundamental no livro porque permite compreender por que jovens podem migrar entre diferentes posições políticas ou aderir a movimentos das novas direitas sem que isso seja explicado apenas pela origem de classe, pela família ou por uma identidade ideológica rígida. Para Besen, os processos de engajamento são resultado da interação entre trajetórias pessoais, discursos políticos e modos contemporâneos de subjetivação produzidos pela racionalidade neoliberal.

No capítulo 3 Beatriz Besen nos conta sobre as histórias por trás do engajamento, relatando trechos das entrevistas que realizou com doze jovens de 18 a 32 anos, entre janeiro de 2022 e janeiro de 2023. Dentre as/os jovens entrevistadas/os cinco são da Alemanha e sete do Brasil. As entrevistas foram realizadas por videochamadas e tiveram a duração de duas horas cada uma. As entrevistas foram divididas em três momentos: inicialmente as/os jovens contaram suas histórias de maneira livre, depois a autora fez perguntas baseadas no que elas/es haviam contado e para terminar perguntou especificamente sobre engajamento político. A autora deixa claro que o objetivo não era julgar as falas das/os jovens entrevistadas/os e sim compreender como pensam.

Após a exposição das entrevistas Besen faz uma análise das diferentes histórias contadas. Em vez de buscar uma explicação única para o engajamento dessas/es jovens nas novas direitas, a autora demonstra que suas trajetórias são bastante diversas. Entretanto, apesar dessa heterogeneidade, ela identifica alguns padrões comuns que ajudam a compreender como essas/es jovens constroem suas identidades políticas e atribuem sentido à sua participação.

A autora mostra que não existe um caminho único para o ativismo nas novas direitas. A família pode influenciar o posicionamento político de algumas e alguns jovens, mas não determina automaticamente suas escolhas. Algumas e alguns entrevistadas/os foram socializadas/os em ambientes conservadores, enquanto outras/os chegaram a esses movimentos por experiências pessoais, conflitos, buscas identitárias ou acontecimentos específicos de suas vidas. A autora observa que as/os jovens costumam se apresentar como pessoas que pensam por conta própria, independentes e capazes de chegar sozinhas às suas conclusões políticas. Elas/es rejeitam a ideia de serem manipuladas/os e constroem uma imagem de si mesmas/os como pessoas críticas, informadas e corajosas por sustentarem posições consideradas impopulares.

Nas entrevistas brasileiras, as jovens mulheres frequentemente associam sua entrada no ativismo a pautas antifeministas e pró-vida, além de experiências religiosas. Já entre as/os jovens alemães aparecem com mais força questões ligadas à imigração, ao nacionalismo e, em alguns casos, a oposição às medidas adotadas durante a pandemia de Covid-19. A pandemia surge, especialmente na Alemanha, como um importante gatilho de politização e aproximação com grupos da direita radical.

Outra análise realizada por Besen é a de que espaços virtuais e presenciais e a virtude de estudar, evidencia que o engajamento não ocorre de forma isolada. As/os jovens relatam a importância de pessoas, grupos, influenciadores, organizações e comunidades que funcionam como referências em seus processos de formação política. Um aspecto particularmente relevante é o papel das redes sociais, dos vídeos, podcasts, canais do YouTube, livros e grupos de discussão online. Muitas/os entrevistadas/os descrevem seu ingresso nesses movimentos como resultado de um processo de estudo e pesquisa individual. Elas/es atribuem grande valor à leitura, ao acúmulo de informações e ao desenvolvimento de argumentos para sustentar suas posições políticas. O ato de “estudar” aparece como uma virtude moral, associada à ideia de que chegaram às suas conclusões após investigação própria e não por mera adesão emocional ou partidária.

A demanda de autenticidade e autorresponsabilidade, talvez seja a análise mais interessante para compreender a interpretação da autora. As/os jovens entrevistadas/os frequentemente se percebem como integrantes de um grupo que resiste àquilo que consideram ser o pensamento dominante da sociedade, da mídia, das universidades ou das instituições políticas. Elas/es se enxergam como dissidentes, contestadores e portadores de uma verdade

que estaria sendo silenciada. Essa percepção de pertencimento a um “contramovimento” fortalece sentimentos de missão, autenticidade e coragem moral. Ao mesmo tempo, aparece de forma muito forte a noção de autorresponsabilidade, característica das subjetividades produzidas pelo neoliberalismo. As/os entrevistadas/os tendem a valorizar a autonomia individual, o mérito pessoal, a disciplina e a responsabilidade pelos próprios resultados, minimizando explicações estruturais ligadas às desigualdades sociais.

Besen conclui o capítulo relatando que o ativismo dessas/es jovens não pode ser explicado apenas por fatores econômicos, familiares ou ideológicos. O que emerge das entrevistas é uma combinação entre experiências biográficas, processos de aprendizagem, pertencimentos coletivos e formas contemporâneas de construção da identidade. As/os jovens se veem como agentes de transformação social, mas essa atuação ocorre dentro de discursos marcados pelo conservadorismo social e pela racionalidade neoliberal.

No capítulo 4 Besen busca compreender quais discursos, valores e sistemas de representação sustentam as visões de mundo das/os jovens. Para isso, ela realiza uma análise temática das entrevistas, identificando categorias recorrentes e articulando-as à literatura sobre conservadorismo, neoliberalismo, nacionalismo, gênero e participação política.

A autora parte da perspectiva pós-estruturalista de que os discursos não apenas expressam opiniões, mas produzem formas de perceber a realidade. Assim, as palavras e temas que aparecem repetidamente nas narrativas das/os entrevistadas/os são analisados como “significantes” que compõem verdadeiros sistemas de representação. Seu objetivo é identificar a gramática política que organiza o pensamento dessas/es jovens ativistas. Besen identifica nove “categorias” que organizam o pensamento dessas/es jovens ativistas. A primeira é o familismo e a moralização das crises. Nas narrativas, a família aparece como núcleo moral da sociedade e como solução para diversos problemas sociais. Questões econômicas, educacionais ou políticas são frequentemente reinterpretadas como consequências de uma suposta crise da família tradicional. A defesa da família funciona como um princípio organizador capaz de articular pautas conservadoras e nacionalistas.

A segunda categoria aborda o antifeminismo feminino. Um dos achados mais interessantes da pesquisa é que muitas jovens mulheres entrevistadas se identificam explicitamente como antifeministas. Elas entendem o feminismo como uma ameaça à família, à maternidade e às diferenças entre homens e mulheres. Ao mesmo tempo, reivindicam espaço político próprio, mostrando uma tensão entre participação pública e defesa de papéis

tradicionais de gênero. A autora demonstra que essas jovens não se percebem como subordinadas, mas como protagonistas de uma luta cultural contra aquilo que consideram excessos do feminismo contemporâneo.

A seguinte trata da religião. A autora identifica diferenças entre Brasil e Alemanha. No caso brasileiro, especialmente entre mulheres evangélicas, a religião aparece como elemento central da identidade política, articulada a ideias de batalha espiritual, defesa da vida e combate ao feminismo e às pautas LGBTQIAPN+. Já no contexto alemão, a religião surge mais frequentemente como elemento cultural e civilizacional, associado à defesa das tradições nacionais e da identidade ocidental.

A quarta categoria examina os usos da memória histórica. As/os jovens reinterpretam acontecimentos do passado de modo a legitimar suas posições políticas atuais. No Brasil, aparecem releituras positivas ou relativizadas da ditadura militar. Na Alemanha, surgem disputas em torno da memória nacional e do peso do passado nazista. A autora demonstra que a memória é utilizada estrategicamente para construir identidades coletivas e justificar determinadas agendas políticas.

A próxima categoria é a construção do "outro ameaçador". As/os entrevistadas/os frequentemente organizam suas narrativas a partir da existência de grupos percebidos como ameaça à ordem social: feministas, movimentos LGBTQIAPN+, imigrantes, elites políticas, mídia ou setores da esquerda. A identidade das/os ativistas é construída em oposição a esses grupos, reforçando uma lógica de antagonismo que divide a sociedade entre pessoas consideradas legítimas e grupos vistos como perigosos ou privilegiados.

A sexta categoria analisa os significantes "pessoas" e "povo". A autora mostra que os entrevistados recorrem frequentemente à ideia de representar "as pessoas comuns" ou "o povo verdadeiro". Contudo, essa categoria tende a ocultar desigualdades estruturais de classe, raça e gênero. Ao falar em "povo", os conflitos sociais são simplificados e transformados em uma oposição entre cidadãos honestos e elites ou grupos considerados ameaçadores.

A sétima categoria trata dos cálculos da liberdade. Aqui aparece de forma clara a influência do neoliberalismo. As/os jovens entrevistados tendem a interpretar políticas de redistribuição, ações afirmativas ou regulações estatais como formas de coerção da liberdade individual. A justiça social passa a ser vista não como ferramenta de redução das desigualdades, mas como interferência indevida sobre indivíduos que deveriam ser responsáveis pelo próprio sucesso ou fracasso.

A oitava categoria discute o discurso da loucura, da urgência e da radicalidade. As/os entrevistadas/os frequentemente descrevem o cenário político como uma situação extrema ou de crise iminente. Essa percepção de urgência contribui para legitimar ações mais radicais e reforça a ideia de que é necessário agir imediatamente para salvar a sociedade de um suposto colapso moral, cultural ou político.

Por fim, a autora apresenta uma categoria particularmente importante: a busca de vínculos e as fissuras da resistência. Apesar da força dos discursos analisados, as entrevistas também revelam contradições, dúvidas e experiências que escapam às narrativas dominantes dos movimentos. As/os jovens demonstram desejo de pertencimento, reconhecimento e participação coletiva. Nessas fissuras, Besen identifica possibilidades de aprendizagem, reflexão e transformação que não se reduzem completamente às identidades políticas assumidas pelos entrevistados.

O principal argumento de Beatriz Besen é que o ativismo juvenil nas novas direitas não pode ser explicado apenas por opiniões individuais ou escolhas puramente racionais. Ele é sustentado por um conjunto articulado de discursos que organizam a forma como essas/es jovens interpretam a família, a religião, a liberdade, o povo, a história e os conflitos sociais. Esses discursos produzem identidades políticas, definem inimigos e oferecem sentidos para a participação política. Ao mesmo tempo, as narrativas revelam tensões e contradições que indicam que essas identidades não são totalmente fechadas, abrindo espaço para transformações e novas formas de engajamento político. “Novas Direitas: Juventude além dos extremos” oferece uma contribuição relevante não só aos estudos sobre as novas direitas, mas também ao campo da educação e da juventude, ao destacar os processos de formação política que hoje moldam boa parte do engajamento juvenil.

REFERÊNCIA

BESEN, Beatriz. *Novas Direitas: Juventude além dos extremos*. São Paulo: Zahar, 2026.